

na pele de...



FILIPE FEIO texto
LEONARDO NEGRÃO fotos

vigilante 'mobile'. "Oito horas de guarda a um edifício?" Não. Não é um trabalho sobre vigilância estática. Nada disso. Antes, um circuito de rondas por Lisboa: uma noite, 12 clientes, desde pequenas e médias empresas, faculdades, prédios de escritórios com mais de dez andares, complexos industriais e terminais rodoviários. E uma cereja no topo do bolo, colocada de surpresa: uma intervenção, depois de um alarme acusar intrusão

"O medo existe, pois nunca sabemos o que nos espera"



Solidão. Apenas durante uma reportagem se torna possível captar esta imagem. A noite do vigilante é solitária. A ajuda de um colega está, sempre, à distância de uma chamada telefónica



Protecção. Apesar de Cláudio França poder usar meios de defesa não letais, como armas eléctricas ou aerossóis, o vigilante não se faz acompanhar de nenhuma. A não ser do seu tom de voz, e da sua lanterna

Imagino ladrões armados, encapuzados, à caça de segredos guardados

Não foi a pele de um vigilante *mobile* que vesti na quinta-feira, 24 de Junho, porque essa, agora sei, é uma pele solitária. E, durante a noite em que integrei o circuito de rondas da Securitas, nunca foi sozinho que percorri a cidade: nem durante a intervenção, depois do disparar de um alarme em Lisboa; nem durante o circuito de rondas, por complexos industriais, edifícios de escritórios, pequenas empresas, faculdades e terminais rodoviários. Ainda assim, e apesar da inevitável distância a que a companhia de Cláudio França me colocou da realidade da profissão, foram horas em que deu para dar "cabo do coiro", confrontar o medo, e sentir a adrenalina, ao dobrar de cada esquina.

"Primeiro, uma ronda pelo exterior", diz-me Cláudio, de lanterna em punho, quando acedemos às instalações de uma empresa de produtos químicos, perto do Parque das Nações. São 22.22. Minutos antes, o vigilante havia recebido um telefonema do coordenador: "Zona nove, corredor do primeiro andar." "Foi no edifício da administração", diz-me, "que algo fez disparar o alarme".

"Algo", uma palavra que levo suspensa no meu pensamento, durante a caminhada minuciosa, e quase sempre silenciosa, em redor dos diversos edifícios. A cada passo, a minha imaginação percorre cenários possíveis: um gato curioso a entrar por uma janela aberta; um funcionário distraído, de alguma coisa esquecido; ou, até mesmo, quem sabe, um grupo de assaltantes armados, talvez encapuzados, em busca de segredos guardados. "As intervenções são sempre feitas por apenas um vigilante?", pergunto, no momento em que o olhar de Cláudio se detém em duas janelas entreabertas.

"Enquanto a lei não obrigar a que sejam dois, é assim que vai continuar a ser", responde-me, claramente inconformado com a situação.

Armas de fogo é que não

Cá fora, ninguém. É tempo de verificar o interior do edifício de dois andares, onde o alarme acusou a intrusão. Apesar da iluminação de presença, e de umas quantas luzes acesas, tudo parece adormecido. Apenas algumas impressoras dão sinal de vida. O vigilante dirige-se para as escadas de acesso ao piso superior, em direcção ao corredor. Sigo-o, agora mais tenso. E, se for um assalto, como nos protegemos?

Recordo-me de ter lido no DN que os seguranças privados podem agora usar meios de defesa não letais, como armas eléctricas, aerossóis e coletes de protecção balística. Não tenho nada disso comigo, e sei que Cláudio também não. Nem armas de fogo. Zero. Na verdade, o meu companheiro de ronda não quer, sequer, ter à sua disposição esse recurso fatal.

"Se o outro souber que não tens arma, sabe que não tem necessidade de usar a dele", diz-me. Num situação de menor risco, "resolve-se com o tom de voz". "Ou então...", diz-me, enquanto me mostra a pesada lanterna de metal que segura na mão direita. Mas, e se, em vez de outro, forem outros? Provavelmente, o alarme teria disparado em mais

zonas. E, nesse caso: polícia! Normalmente, dá apoio nalgumas intervenções, "ou porque o cliente o exige, ou porque a situação o justifica", diz-me o vigilante. Há sempre o risco, penso, quando subo o último degrau. Mas compreendo a opção.

No corredor, com cerca de duas dezenas de metros, várias portas abrem-se para gabinetes. Cláudio



Ocorrência. Só na sede da Securitas foi possível utilizar o aparelho de GRS (Guarding Report System). A leitura do código de barras registou, neste caso, a minha presença junto ao portão das instalações

"Aqui estiveram a beber café", porque o GRS não engana...

Na área operacional, o coordenador analisa o relatório da noite, depois de descarregados os dados do aparelho de GRS (Guarding Report System). "Aqui estiveram a beber café", diz João Rodrigues, referindo-se a um período de inactividade entre registos. Na *mouche*.

De facto, entre dois dos pontos críticos do edifício de um cliente, assinalados com etiquetas (tipo código de barras), houve uma paragem estratégica junto a uma máquina de café. **Tudo ficou registado: 12 minutos para restabelecer o nível de cafeína**, quatro horas e meia de

ronda efectiva, 12 empresas e 83 ocorrências. "Quando o cliente chegar de manhã, já tem a informação no *mail*", explica Pedro Sousa. "E os dados não são manipuláveis", garante o chefe de filial *mobile*.

